

POESIA DIGITAL: TEXTOS POÉTICOS NOS MEIOS DIGITAIS – ORIGEM, INVESTIGAÇÃO E PRÁTICA

ALEXANDER BEZERRA LIMA – (CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA)

alexelo@uol.com.br

RESUMO

Com a inserção dos meios digitais e computacionais, a poesia também migrou para estes meios, trazendo consigo várias inovações estéticas em suas interpretações. Esse projeto, em primeiro momento, busca fazer uma análise investigativa do comportamento da passagem da poesia em sua linguagem escrita/impressa para um ambiente digital. Neste percurso, houve uma evolução da linguagem tanto na parte interpretativa quanto em relação às ferramentas de criação e transmissão deste gênero comunicativo e forma de expressão inerente ao homem. Como se deu essa transformação e alguns precursores desta forma de poesia estão tratados nesse trabalho.

Em segundo momento, apresenta-se um relatório dos experimentos do fazer artístico interpretando três poemas usando ferramentas computacionais (*softwares*) transformando a poesia impressa para a poesia digital. Nesta interpretação da palavra, o texto poético tem expandidas as suas características imagéticas em ritmo, cor, forma, imagens, texturas, sons, movimentos, podendo ou não envolver interatividade e tudo mais que permite a poesia transmitir em sua semântica nas possibilidades de leitura/interpretação no contexto digital.

Palavras-chave: poesia, meios computacionais, ambiente digital, poesia digital.

POESIA DIGITAL: TEXTOS POÉTICOS NOS MEIOS DIGITAIS – ORIGEM, INVESTIGAÇÃO E PRÁTICA

A poesia criada em ambiente digital exige tipos específicos de conhecimentos em várias áreas. Podem-se citar conhecimentos sobre os aspectos verbais e não verbais desta poesia, sua visualidade, seus aspectos sonoros, a carga cultural de interpretação e o conhecimento sobre o uso de ferramentas tecnológicas disponíveis para a sua criação.

Há para a poesia uma carga interpretativa e que dependerá sempre do interpretante, isto é, há uma interpretação sígnica do texto, uma interpretação semiótica. A letra, tal qual a conhecemos, é um signo e por isso, interpretado segundo o seu interpretante. Para que haja uma compreensão e um significado criado, a mente interpreta um signo como um meio para perceber e definir qualquer fenômeno. Verifica-se que esse “fenômeno” refere-se a qualquer característica, qualquer coisa que esteja de algum modo ligada a produção do sentido, seja ela interna ou externa. Podem-se dar, como exemplos, um cheiro que nos faz lembrar algo, a buzina (som) de um carro que nos deixa em alerta, um estímulo visual como um semáforo que estará aceso na cor vermelha, ou ainda uma lembrança que nos leva a ter uma reação. Esta compreensão vem da Semiótica, área que estuda os signos e suas relações na humanidade. Como exemplo, é possível recorrer à abordagem referenciada por Santaella (2005):

[...] Entende-se por fenômeno qualquer coisa que esteja de algum modo e em qualquer sentido presente à mente, isto é, qualquer coisa que apareça, seja externa (uma batida na porta, um raio de luz, um cheiro de jasmim), seja interna ou visceral (uma dor no estômago), uma lembrança ou um sonho, ou uma ideia geral e abstrata da ciência. A fenomenologia seria, segundo Peirce, a descrição e análise das experiências que estão em aberto para todo o homem, cada dia e hora, em cada canto e esquina de nosso cotidiano. (SANTAELLA, 2005 p: 11)

Poesia e Linguagem

Linguagens verbais e não verbais são constituídas de signos, que organizados em códigos/símbolos, serão algo que representará alguma coisa para alguém em determinado contexto. No processo de transformação da linguagem verbal para não verbal passamos por apropriação de experimentos com o texto poético. Neste processo de decodificação e assimilação, há uma capacidade por parte do indivíduo de criação, produção, reprodução, transformação e o consumo de várias linguagens para a manifestação dos sentidos, como mostra Santaella (2005):

Existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons esses que no ocidente receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita), mas existem simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos representação do mundo. (SANTAELLA, 2005, p. 1-2)

Verificam-se aqui dois momentos da transformação dessas linguagens inerentes à poesia: a poesia sonora e a poesia visual.

A poesia sonora, segundo Menezes (1992), é um experimentalismo adotando forma de linguagem sonora do texto poético, mas que não se define só pela sonoridade do poema, nem pela sua audibilidade de uma leitura dirigida para um ouvinte. O autor afirma que o que a define é sua ruptura, o desligamento com a escrita e o ato de declamar a poesia. Ela também está dividida em duas fases simbolizadas pelo aparecimento da aparelhagem eletroacústica, ou seja, antes e depois do aparecimento de tecnologia eletroeletrônica.

O que caracteriza o poema sonoro não é sua simples audibilidade, sua existência acústica, sua projeção dirigida à escuta do receptor. O que define é seu divórcio inconciliável com a escrita e seus modos declamatórios, seu distanciamento nítido do poema oralizado, sua separação da poesia concebida como arte do texto, que quando vem recitada, estava, contudo, previamente redigida.

A poesia sonora se apresenta como um novo modo de pensar a poesia como a arte da vocalidade não domada pela linguagem comunicativa e letrada [...] (MENEZES, 1992, p: 10,11)

Quanto à poesia visual, inicia-se pelo elemento mais básico, “a mensagem visual”, que, para Donis (2007), é uma experiência visual humana e é fundamental no aprendizado para que se possa compreender o meio ambiente e reagir a ele. “Ver é uma experiência direta, e a utilização de dados visuais para transmitir informação representa a máxima aproximação que podemos obter com relação à verdadeira natureza da realidade.” (DONIS 2007, p. 30-31). Para o autor, recebemos uma carga de informação visual que nos sugerem significados variados e com isso reagimos a esses estímulos.

Na criação de mensagens visuais, o significado não se encontra apenas no efeito acumulativo da disposição dos elementos básicos, mas também no mecanismo perceptivo universalmente compartilhado pelo organismo humano. Colocando em termos mais simples: criamos um *design* a partir de inúmeras cores e formas, texturas, tons e proporções relativas; relacionamos interativamente esses elementos; tendo em vista um significado. É o seu *input*. (DONIS, 2007, p: 30)

Para traçar um panorama sobre a poesia visual, cita-se aqui um autor e teórico precursor da Poesia Concreta¹ no Brasil, o poeta Augusto de Campos. Ele afirma em uma de suas obras que o poema “*Un Coup de Dés*”, do poeta Francês Stéphane Mallarmé, foi um marco na poesia visual. Para o autor, Mallarmé foi um dos precursores da poesia moderna e possibilitou essa renovação porque passou a valorizar a visualidade da poesia. “*Um Coup de Dés*, fez de Mallarmé o inventor de um processo de composição poética” (CAMPOS, 1975 – p. 25).

Trata-se, pois, de uma utilização dinâmica dos recursos tipográficos, já impotentes em seu arranjo de rotina para servir a toda gama de inflexões de que é capaz o pensamento poético liberto do agrilhoamento formal-silogístico. A própria pontuação se torna aqui desnecessária, uma vez que o espaço gráfico se substantiva e passa a fazer funcionar com a maior plasticidade as pausas e intervalos da dicção. (CAMPOS, 1975, p. 24)

¹ Movimento literário brasileiro com início na década de 50. Tendo como característica base a valorização da forma e da comunicação visual, sobrepondo ao conteúdo. O poema da poesia concreta é chamado de poema-objeto por causa dos recursos estilísticos adotados: a eliminação de versos e a incorporação de figuras geométricas

Segundo Campos (1975), Mallarmé propunha o uso de variações no tipo tipográfico das letras, variações nas linhas, ou seja, espaçamentos diferentes e aparentemente desorganizados, o uso de espaços em “branco”, sem texto, deixando que o “papel” interfira no poema. Tais características podem ser realizadas em ambiente digital possibilitando um maior número de experimentações.

Poesia e Tecnologia

A poesia digital vem dessa linha evolutiva da linguagem poética, citada em linhas anteriores neste trabalho, e segue-se permeada de possibilidades, mas, para que haja a interpretação/criação de tal tipo de poesia há a necessidade de conhecimento e uso de tecnologias vigentes, em casos atuais, de tecnologias computacionais.

Para Machado (2007) cada época ou cada fase da humanidade está condicionada ao uso de sua tecnologia aplicada nas mais variadas atividades, não ficando de fora a própria arte. Expressão esta que “sempre foi produzida com os meios de seu tempo” (MACHADO, 2007, p. 87). Neste caso, a poesia digital também faz parte desta produção no sentido do fazer artístico, como nos mostra a citação abaixo.

Se toda a arte é feita com os meios do seu tempo, a arte eletrônica representa a expressão mais avançada da criação artística atual, aquela que exprime sensibilidades e saberes do homem da virada do terceiro milênio. (MACHADO, 2007, p. 9-10)

Outro autor, Pauluk (2004), afirma que com a descoberta das tecnologias surgiu uma revolução cultural no mundo inteiro, fazendo com que se modifiquem, produzam e criem alterações no uso linguagem. Ele ainda ressalta que tais descobertas podem afetar a definição do signo e podem trazer novas definições para o texto, conseqüentemente, para o discurso. Incluem-se também mudanças na maneira de pensar e a condução desse pensamento.

As tecnologias digitais estão provocando uma revolução em diversos âmbitos da organização cultural planetária de modo muito similar à revolução provocada pelo surgimento da escrita alfabética entre os gregos. Esta revolução tem conseqüências não exatamente previsíveis, porém a alteração no uso da linguagem por ela ocasionada nos permite agora, deslocados da posição de imersão na qual nos encontrávamos anteriormente com relação aos nossos hábitos comunicacionais, lançarmos um novo olhar, mais consciente, mais distanciado, sobre estes mesmos hábitos.

[...] Elas podem modificar a nossa noção de signo, ainda muito ligada a uma ciência linguística, a qual via a escrita como mera transcrição fonética; podem nos trazer novas definições de texto e discurso; podem promover a elaboração de novas linguagens gráficas, principalmente para o uso em suportes eletrônicos; podem, além de tudo, estabelecer uma nova maneira de se pensar, pois o esclarecimento das relações que ligam os sistemas de escrita aos modos de pensamento. (PAULUK, 2004 - Art. Ciências & Cognição 2004; Vol. 02: 02-10)

Há, portanto, um processo de ressignificação ou recodificação das linguagens transformando a poesia feita da fusão de signos verbais e não verbais, segundo Menezes e Azevedo (1997, 1998, apud ANTONIO, 2008). O autor coloca que a poesia tem como essência a palavra, e esta, por sua vez, irão dialogar com outros significados e isso será a base para esta criação e para as leituras que o indivíduo fará com o uso da máquina. Será a ferramenta para que ele

(indivíduo) possa manipular/interferir na criação do poema digital ou, como escreveu Antônio (2008):

Assim, a palavra, essência da poesia, negocia: com imagens e grafismos da letra e da palavra manuscrita ou manipulada graficamente e interfere neles, para a produção da poesia visual; com o som para produzir efeitos sonoros (poesia Sonora); com animação para produzir a poesia animada (...)
 (...) A palavra será sempre um elemento comum e fundamental para que essa transformação, leitura/releitura, aconteça tanto no poema em sua oralidade, impresso ou ainda nos meios computacionais. (ANTONIO, 2008, p:24)

O Autor nos mostra que o computador é hoje uma importante ferramenta para essa interpretação sígnica. Segundo o autor, as relações e interpretações entre a poesia e a tecnologia são processos de transformação dos signos através das misturas das linguagens poéticas, artísticas e tecnológicas e todos os elementos e propriedades relativas a cada linguagem.

A mediação poeta-máquina gera trocas e partilhas semióticas em duas fases: na primeira, a assimilação de neologismos e conceitos tecnológicos, para poder aplicá-los como temas e expressões poéticas, ou seja, produção de signos, pois o poeta, ao tomar conhecimento do conceito cultural de determinada máquina realiza uma semiose. [...] Numa segunda fase, o poeta, não necessariamente o mesmo, nem precisamente num tempo imediatamente posterior, assimila a linguagem da máquina e intervém nela [...] (ANTÔNIO, 2008, p; 26, 39-41).

Antonio (2010) coloca que a tecnologia computacional faz o papel de mediador entre o homem e a máquina, promovendo assim leituras e releituras dos signos e de códigos de linguagens verbais e não verbais, possibilitando “intervenções” com as finalidades poéticas. Nesta semiose, a máquina passa a gerar signos e passa também a fazer significado em sua obra verbal, fazendo com que se faça criar outras leituras a partir do computador. Antônio (2010) denomina essa “semiose” como Tecnopoesia.

A mediação poeta-máquina gera trocas e partilhas semióticas em duas fases: na primeira, a assimilação de neologismos e conceitos tecnológicos, para poder aplicá-los como temas e expressões poéticas, ou seja, produção de signo, pois o poeta, ao tomar conhecimento do conceito cultural de determinada máquina, realiza a semiose (signo, objeto, interpretante, na conceituação peirceana), ou seja, o signo da máquina passa a ter significado em sua arte verbal
 (ANTONIO, 2010, p: 26-27)

Quanto à origem da criação da poesia com o uso das ferramentas computacionais, Antonio (2008) afirma que em 1959 o alemão Theo Lutz, um cientista da computação, usando um programa de computador, criou novos textos com os cem primeiros vocábulos do texto de Frans Kafka chamado “*Das Schloss*” (O castelo). Esta primeira experiência do uso de tecnologia computacional para fins literários, intitulada de “*Nach Frans Kafka*” (À Maneira de Frans Kafka), deu a Lutz o título de primeiro teórico e prático de uma poesia artificial cibernética. O artigo, intitulado de “*Stochastische Texte*” (Textos estocásticos), foi publicado na revista especializada “*Augenblick: Aesthetica, Philosophica, Polemica*”, 4ª edição, em outubro de 1959. Para comprovar sua pesquisa e dar acesso, o autor disponibiliza a edição para os interessados no link www.stuttgarter-schule.de/augenblick1.html

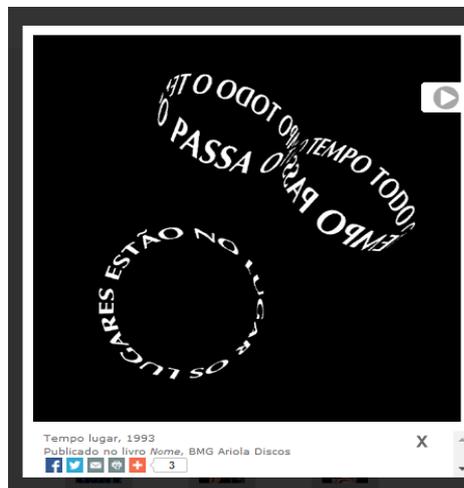
De acordo com as pesquisas feitas até a presente data, LUTZ é o primeiro teórico e prático de uma poesia artificial cibernética, conceito de Max Bense, [...]. “Stochastische Texte” é um artigo de quatro páginas, em alemão, com considerações teóricas e um fragmento de um texto estocástico que exemplifica a experiência, sob o título de “Nach Frans Kajka” [À maneira de Frans Kafka. [...]]

O resultado que o artigo apresenta é um fragmento denominado “Nach Frans Kajka” [À maneira de Frans Kafka], cujas as palavras(as cem primeiras palavras) foram selecionadas de *O Castelo, de Frans Kafka (1883-1924)*, e, embora não faça referência, o texto obtido produz significados que provocam estranhamento sob dois pontos de vista: os significados produzidos pelo encontro fortuito de palavras e a sensação de ser um texto “produzido” pelo computador. (ANTONIO, 2008, p:25-29)

Analise

Tendo em vista os conceitos e referências da poesia digital apresentados aqui, segue-se com análises de dois trabalhos de investigação em relação à poesia digital. Começamos com o poema “Tempo lugar”. Um poema com características mais visuais, mas mantendo a sugestão de intenção de movimento do texto. Esta obra é do compositor, músico e poeta da contemporaneidade Arnaldo Antunes, que também dialoga com as tecnologias digitais. É possível intuir que, mesmo sendo uma imagem estática, o texto está em movimento e forma imagens e elipses, que se apresentam pela tela do computador em várias posições, dando-lhe um efeito visual de aparente três dimensões, mais popularmente “3D”, mesmo ele tendo apenas duas dimensões, ou “2D”. As cores usadas também têm sua parcela de importância; sendo que o fundo preto e o texto em contraste na cor branca deixam-o nítido e livre de interferências ou ruídos visuais.

Poema “Tempo Lugar”



Fonte: Site do Artista

Obra	Tempo Lugar
Artista/autor	Arnaldo Antunes
Ano	1993
Disponível em	http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_artes_obras.php?id_type=7
Características	Imagem estática

Criação do poema digital

No experimento de criação da poesia digital a seguir não houve a intenção de analisar a performance dos *softwares*, e sim, verificar por ordem crescente de aplicabilidade tecnológica, mais precisamente, comportamentos da poesia em ambiente digital com menos ou mais elementos de linguagens (som, texto, movimento etc.) aplicados à sua criação para cada poesia transformada do seu ambiente impresso para o ambiente digital, potencializando características interpretativas inerentes à poesia em suas variações de linguagens.

É possível também considerar que as interpretações a seguir não devem ser as únicas possíveis, pois, para cada poesia há uma carga interpretativa e que dependerá sempre do interpretante somando as possibilidades tecnológicas.

“Olhoolho” de Mário Martinez (2013), natural de Urânia, SP, professor de literatura e redação é também poeta, cantor, compositor, instrumentista, arranjador e produtor cultural e é formado em Letras pela Unesp de Araraquara. É autor de *triviais* — o *microlivro* *kitsh* (1992), *banalidades* (2003) e *semibreves* (2010), todos, livros de poesia.

Experimentou-se interpretar um poema de conteúdo textual mais complexo. Um poema visual com fortes influências do concretismo, onde o poeta transporta para o texto a forma, intencionando dar ao poema uma imagem do olho humano.

Poema visual “olho do olho”

o olho da capa de um
 disco de tom zé o olho de um
 poema de rimbaud o olho do oco olho
 que me olha o olho do o olho do ó olho
 de shiva olho de cego aderaldo olho de
 borges olho de jabuticaba olho de tigre olho
 de loba olho de peixe olho de prego olho de
 ciclope olho que me olha o próprio olho
 nenhum olho vê nenhum olho vê o
 próprio olho nenhum olho vê o oco
 do oco do oco do olho do olho
 do olho do olho

FONTE: Livro *banalidades* (p.43)

Para esta interpretação inseriu-se também a mensagem verbal na forma de declamação gravada pelo próprio autor do texto em áudio no *software* gratuito Audacity. Na mixagem há também efeitos sonoros inclusos em camadas menos audíveis, para criar, junto com o movimento e com a imagem sugerida, a poesia digital. A mensagem, diferentemente do exemplo anterior, ganhou mais um apoio na sua comunicação, passando, assim, a convergir, a

unir, três tipos de linguagens diferentes em um único meio. Passa-se a seguir para visualização e relato da criação do poema já na forma digital nas sequências de imagens.

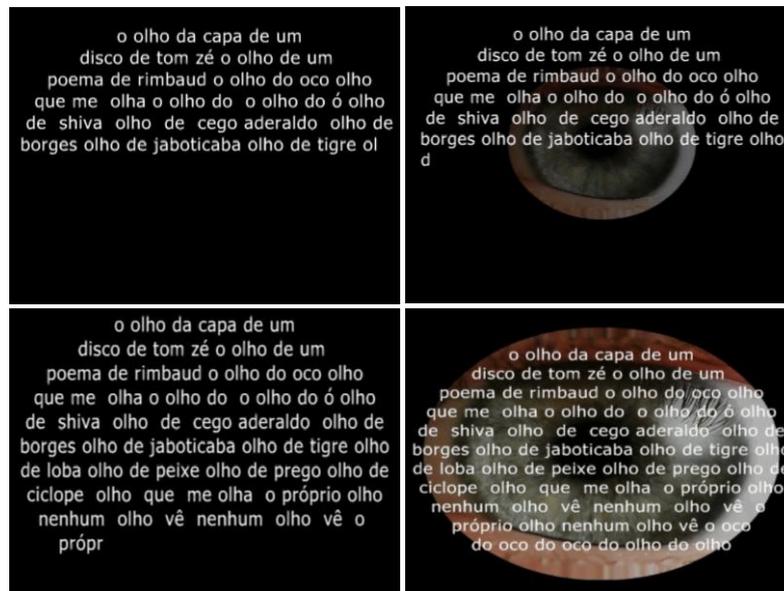
Em um fundo em preto inicia-se o poema digital com o texto um áudio em “off”. Logo a seguir, o texto, na forma escrita e com a fonte tipográfica Geórgia, vem surgindo e começa a se formar tendo com efeito de movimento o teclado simbólico de máquina de

Poema digital “olho do olho” – 1



Logo após surge a imagem representando a forma poética minúscula no conteúdo textual. A imagem de um olho humano surge com um efeito de movimento de aparecer e desaparecer e, com um pulsar constante, ao mesmo tempo em que cresce e aumenta seu tamanho na tela dando a impressão de aproximação e “invadindo” a tela do computador

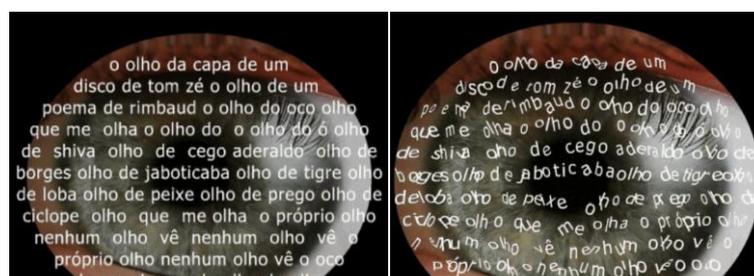
Poema digital “olho do olho” – 2 e 3

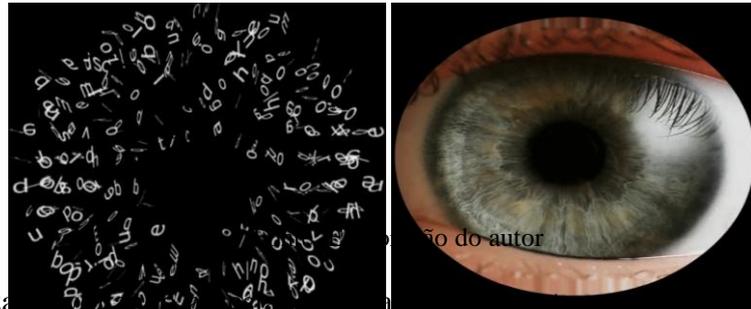


Fonte: Elaboração do autor

Em seguida o texto se desfaz com efeitos de explosão enquanto a imagem do olho humano continua avançando, dando ao entender que a imagem rompeu com o texto em movimentos confusos até dissolver-se por completo.

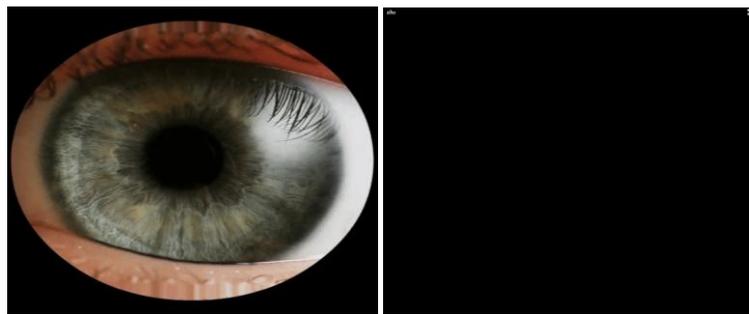
Poema digital “olho do olho” – 4 e 5





Finaliza-se a poesia digital com a imagem do olho humano ainda aparece e desaparece mais uma vez, enquanto o áudio finaliza em “*fade out*”.

Poema digital “olho do olho” – 6 e 7



Fonte: Elaboração do autor

Esta poesia digital foi concluída e prontificada para a exibição tipificada na extensão “.exe” (executável) para sistemas operacionais que operam com essa extensão, ou, esse tipo de arquivo. O poema digital criado tem 59 segundos de duração.

Considerações

As poéticas migraram para os meios digitais e computacionais trazendo consigo várias possibilidades de interpretações com as quais se procurou identificar e dialogar neste trabalho. O processo de criação passa pela migração do texto em sua forma verbal escrita para o contexto digital usando as tecnologias computacionais como ferramenta de interpretação dos signos, e, por sua vez, gerando novos signos, possibilitando dar à poesia outros significados. Com isso percebe-se que esta migração trouxe consigo várias inovações estéticas na interpretação da palavra, podendo-se expandir em ritmo, cor, forma, imagens, texturas, sons, movimentos, bem como, podendo ou não, envolver interatividade e tudo mais que permite a poesia transmitir em sua interpretação em contexto digital.

Conhece-se o poema verbal como uma forma de articulação de uma linguagem e observa-se o modo como o sentido se produz nos meios digitais e entra-se em contato com a convergência de linguagens sonora e visual com a linguagem verbal produzindo, assim, outras substâncias de sentido, ou seja, experimentaram-se elementos pertinentes a sua interpretação e com o

auxílio de tecnologia disponível, como softwares de edição de áudio e de vídeo, de edição de imagem, de criação de animação para alcançar os resultados que mais se aproximaram da intenção com o texto poético de partida. Porém, cada poema terá várias possibilidades de interpretação. Isso sempre dependerá, de uma maneira genérica, do interpretante, quanto a sua interpretação e de quais ferramentas computacionais ele, o interpretante, terá-disponível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÔNIO, Jorge L. **Poesia eletrônica: Negociações com os processos digitais**. 1ª ed. Belo Horizonte – BH. Veredas e cenários. 2008.

Poesia digital: negociações com os processos digitais: teoria, história, antologias. São Paulo - SP. Navegar editora; Columbus, Ohio, EUA. Luna Bisonde Prods; FAPESP, 2010.

Análise do Poema. Série Ponto a Ponto. Editora Ática - S/A. São Paulo, 1988.

GRAZIOLLI, Fabiano T. Leitura e fruição na tela: um olhar crítico em direção à ciberpoesia, **Artigo Prêmio Funarte**. Edital de Produção Crítica de conteúdos Artísticos em Mídias Digitais. São Paulo. Edições Funarte. 2008.

LOPES, Edward. **Metáfora: da retórica á semiótica**. São Paulo. Editora Atual. 1986.

MENESES, Philadelphio. **POESIA SONORA, Poéticas experimentais da voz no século XX** – organização e introdução – São Paulo, EDUC, 1992.

POESIA INTERSIGNOS Do impresso ao sonoro e ao digital. São Paulo. Paços das Artes. 1998.

MACHADO, Arlindo. **Arte Mídia 3ª Ed.** – Jorge Azaha Ed – Rio de Janeiro 2010. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?hl=pt-disponível digitalmente no endereoeletrônico:BR&lr=&id=bsbMt6kjDHAC&oi=fnd&pg=PA7&dq=arlindo+machado&ots=PtMwWN4Jz2&sig=FykM7fk7dtVknroRcixBmq7UrpA#v=onepage&q=arlindo%20machado&f=false](http://books.google.com.br/books?hl=pt-disponível%20digitalmente%20no%20endereoeletrônico:BR&lr=&id=bsbMt6kjDHAC&oi=fnd&pg=PA7&dq=arlindo+machado&ots=PtMwWN4Jz2&sig=FykM7fk7dtVknroRcixBmq7UrpA#v=onepage&q=arlindo%20machado&f=false)>. Acesso em: 14 Abr. 2014.

MARTINEZ, Mário. **Banalidades**. Editora Caça Níqueis, São Paulo, 2014. (– p.13-43 não entra aqui)

NÖTH, Winfried. **Panorama Da Semiótica** - de Platão a Pierce. ANNABLUME Edições. 1997. Disponível em:<<http://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=ebmfMsl5TFUC&oi=fnd&pg=PA7&dq=o+que+%C3%A9+um+semi%C3%B3tica%3F&ots=O8xMaUwXwy&sig=sRApcibHEEnAdhE1n50FGLkyGqLs#v=snippet&q=signo&f=false>> Acesso em: 20 Jun.2014.

PAIXÃO, Fernando. – **O que é Poesia?** - Ed. Brasiliense – São Paulo – SP - 1982

PAULUK, Marcel. 2004 - Um novo olhar sobre a escrita: a contribuição das ciências cognitivas e da semiótica para o desenvolvimento de uma ciência da escrita. **Art. Científico - Ciências & Cognição** 2004; Vol 02: 02-10) – Publicado on line 31 de Julho de 2004. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/pdf>>. Acesso em: 02 Abr.2014.

PIGNATARI, Décio. **O que é Comunicação Poética**. Cotia, SP. Ateliê Editorial. 2004.

PHILIP, Sidney/PERCY BYSSHE, Shelley. **Defesa da poesia**. São Paulo–SP, EDITORA ILUMINURAS, 2002. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=bfVyPI3pxkC&oi=fnd&pg=PA89&dq=o+que+%C3%A9+a+poesia%3F&ots=GzoToCpV0E&sig=GpDCiIgf1aDodYcM0XKAOERg3qE#v=onepage&q=o%20que%20%C3%A9%20a%20poesia%3F&f=false> Acesso em: 22 Ago. 2014.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica** – Vol. 103 de Coleções Primeiros passos. São Paulo. Editora Brasiliense. 1990.

A leitura fora do livro. **EXPOSIÇÃO POESIA INTERSIGNOS: DO IMPRESSO AO SONORO E AO DIGITAL**, 1998.

VIEIRA, Flaviano. **Poesia Digital e Tradução Intersemiótica**: Um olhar sobre produções digitais de Clemente Padin, Joesér Alvarez e Fernando Aguiar. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/images/pdf/FlavianoMacielVieira.pdf>>. Acesso em: 30 Ago. 2014.